

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

044

Um drama na Campanha

Rivalidade entre médicos que terminou com a morte de radiologista em Bagé, na década de 40, é o caso deste domingo da série que lembra episódios rumorosos da crônica policial gaúcha

Foi, a seu tempo, uma das mais explosivas histórias do Judiciário gaúcho: o assassinato de Walter Aguiar, médico baiano, chefe do serviço de radiologia da Santa Casa de Bagé, no final de 1944.

O autor do assassinato, um uruguaio que vivia desgarrado pelos caminhos da fronteira e da Região da Campanha, trabalhava para quem melhor o remunerasse, não importava o “serviço”.

No caso, estaria a mando de Cândido Gaffrée, médico e pecuarista de grande prestígio e que se orgulhava de ter atendido Oswaldo Aranha, de quem tornou-se amigo, quando o líder chimango foi ferido no combate de Seival, em 1926.

Ficou conhecido nacionalmente como o “Caso Gaffrée”.

todas incriminando Gaffrée, embora este negasse, com veemência, sua participação no episódio.

Há uma versão, conforme o advogado George Teixeira Giorgis, 79 anos, de que amigos de Gaffrée tenham sido os autores intelectuais do crime.

Miéres entregou-se 13 dias depois do crime, com fome, exausto e temeroso de ser morto pelas patrulhas que o caçavam nos labirintos da fronteira de Brasil e Uruguai.

Em setembro de 1946 houve o primeiro julgamento de Gaffrée e Miéres, condenados a 15 e 18 anos de prisão, respectivamente. Mas a defesa conseguiu anular a sentença, por ter sido proferida em júri singular e não pelo Tribunal do Júri.

Miéres morreu na prisão, em 1948, e Gaffrée submeteu-se a dois novos júris, em 1950 (anulado por falhas processuais) e em 1952. Foi absolvido em ambos.

Se num primeiro momento houve revolta contra o cirurgião, pelas circunstâncias da morte de Aguiar, no dia do último julgamento, “ao ser conhecido o resultado através do alto-falante colocado nas adjacências do edifício do fórum, a grande massa que ali se comprimia irrompeu em vivas ao dr. Gaffrée”, conforme registro dos jornais.

O caso teve repercussão nacional e foi motivo de artigos vigorosos publicados no Diário de Notícias, pelos advogados de defesa, Itiberê de Moura, e de acusação, Breno Fischer. A defesa reuniu seus textos num livro impresso pela Livraria do Globo, com o título *Dreyfus, Tom Mooney e Gaffrée – Semelhança entre processos*. Nele, Itiberê sugere que, a exemplo do famoso caso Dreyfus, foi cometido, em Bagé, o mesmo erro judiciário, por uma espécie de “sugestibilidade coletiva”.

Dos três filhos de Gaffrée, só o pecuarista Luís, hoje com 77 anos, está vivo e afirma: o pai é inocente.

– Ele era uma daqueles pessoas às antigas, sabe? De caráter à flor da pele. Escreveu um livro, junto com o Itiberê de Moura, *Nas garras de uma quadrilha*, no qual ele conta as injustiças e perseguições que sofreu. Nunca foi publicado.

E lamenta:

– Meu pai sofreu muito com as acusações. Foi uma injustiça. Ele costumava dizer: não sei, não vi, pena que não tenha sido eu (*quem matou Aguiar*).

As divergências entre os dois médicos, um radiologista, outro cirurgião, não eram recentes. Os dois discordavam há muito sobre procedimentos médicos e administrativos.

Dois anos antes do crime, uma discussão entre eles culminou com uma bofetada de Aguiar em Gaffrée. O agredido foi até sua casa, armou-se e, com dois filhos, foi em direção ao Hotel do Comércio, onde se hospedava Aguiar.

Mas, a esta altura, a polícia havia sido avisada. E amigos comuns se encarregaram de impedir já ali uma tragédia.

Chegou a haver reconciliação formal, reconhecida em ata e testemunhada por dezenas de pessoas. Tudo aparente, porque a inimizade continuou.

Por volta das 12h30min do dia 10 de novembro de 1944, Walter Aguiar preparava-se para entrar num carro à frente do prédio da Santa Casa de Caridade, quando foi apunhalado pelas costas. Três estocadas mortais.

O motorista, única testemunha, tratou de socorrê-lo enquanto observava o homem que fugia, usando bombacha branca, casaco preto, alpercatas vermelhas e chapéu de lona.

Não foi difícil chegar ao nome do uruguaio Salustiano Miéres. Ele havia sido visto, dias antes, rondando o prédio da Santa Casa, fazendo perguntas sobre o “doutor do raio X” e foi reconhecido pelo motorista que socorreu Aguiar.

Várias outras testemunhas informaram detalhes antecedentes ao crime,



Em 1950, familiares acompanharam Cândido Gaffrée durante controverso julgamento, que foi anulado



Gaffrée (E) foi acusado de ter contratado Miéres (D) para matar médico rival



Walter Aguiar

O crime

Vítima:

Walter Aguiar

Época do crime:

Novembro de 1944

Cidade:

Bagé

Suspeitos:

Cândido Gaffrée e Salustiano Miéres

Motivação:

Rixa



O crime alcançou repercussão nacional e os desdobramentos do caso ocuparam as primeiras páginas dos jornais gaúchos

